

AQUARELAS EXIBEM TODAS AS MULHERES DO MUNDO

Priscilla Porto Nascimento Fasani¹

RESUMO: Este artigo tem como objeto a obra *Corpos em exposição (2018)*, apresentada no Salão Novíssimos por Renata Nassur. A artista surpreende o interator ao atuar nas invisibilidades. Dialogando com *Verso (2018)*, contempla o público e o privado e os princípios de prazer e realidade. Assume uma preocupação ética ao problematizar modos de existência na contemporaneidade.

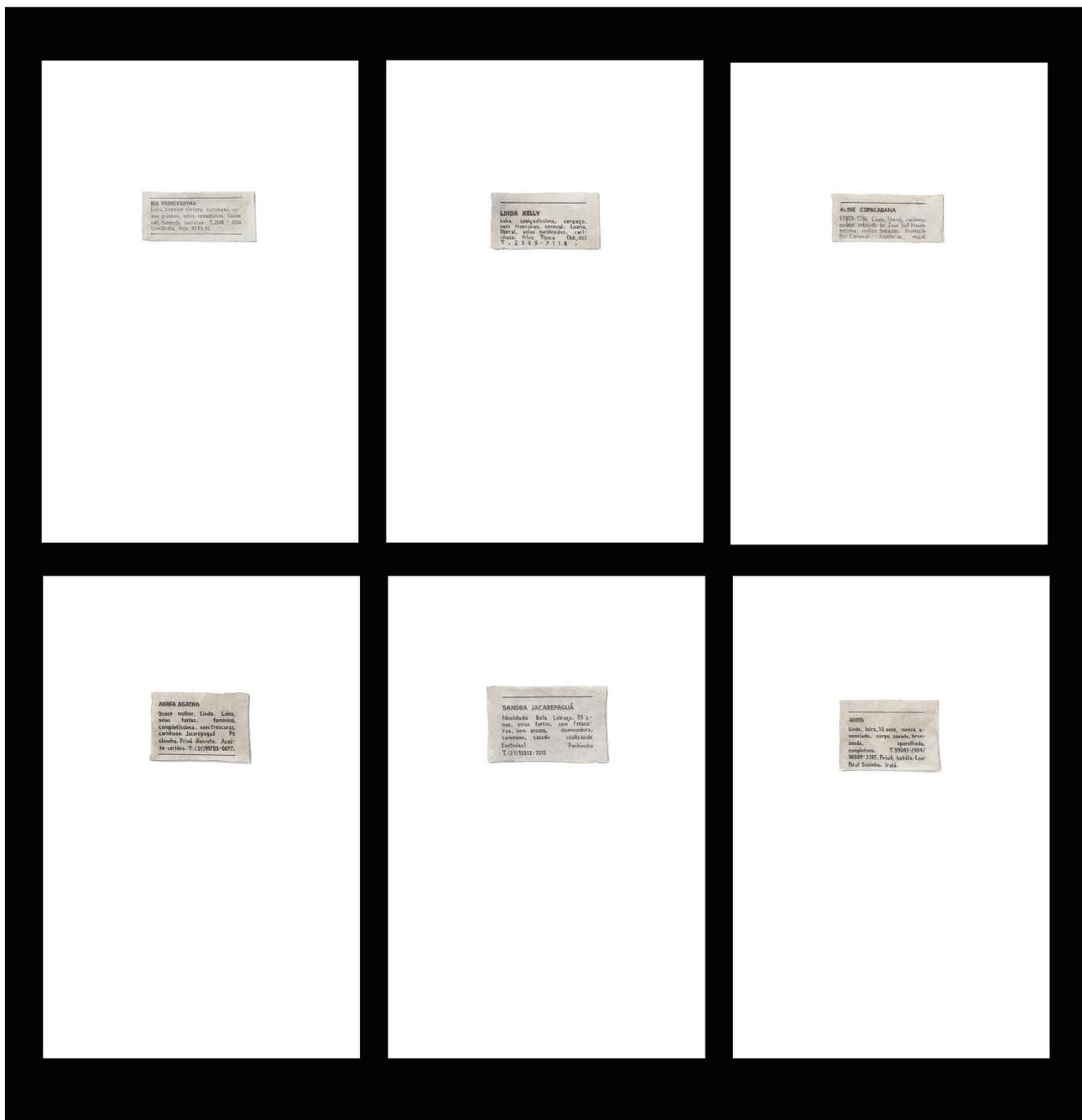
Palavras-chave: Aquarelas; Prostitutas; Corpo sem órgãos; Desejo

WATERCOLORS EXHIBIT ALL THE WOMEN OF THE WORL

ABSTRACT: This article has as object the work *Bodies on display (2018)*, presented at the Hall Novíssimos by Renata Nassur. The artist surprises the interactor when acting in the invisibilities. Dialoging with *Verso (2018)*, contemplates the public and the private and the principles of pleasure and reality. She assumes an ethical concern when comes to problematizing modes of existence in the contemporary world.

Keywords: Watercolors; Prostitutes; Body without organs; Desire

¹ Doutoranda em Cultura e Sociedade, no Instituto de Humanidades Professor Milton Santos (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Ciência da Arte pelo Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Lecionou nos cursos de graduação em Produção Cultural da UFF e em Artes Visuais das Faculdades Pestalozzi. Publicou o livro *A Relação Ética da Arte na Sociedade do Espetáculo* pela Editora da UFF. Integrante do grupo de pesquisa *Ecus (Espetáculos culturais e sociedade)* da UFBA desde 2015. *Email: priscillafasani@hotmail.com*



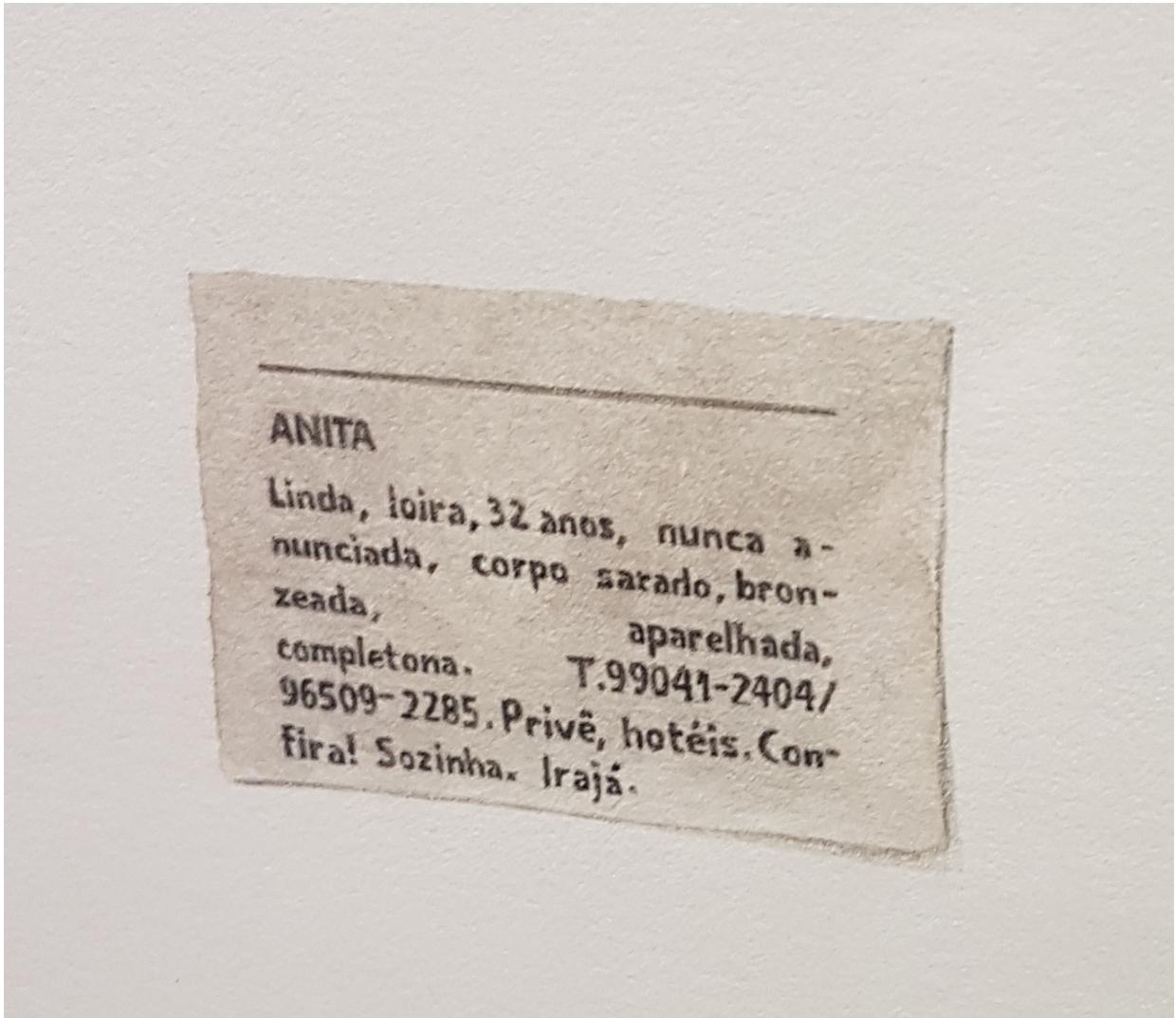
(Fig. 1: Renata Nassur. *Corpos em exposição* (2018). Aquarela 41x44cm políptico)

Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome.

Clarice Lispector

A obra *Corpos em exposição* (2018) de Renata Nassur, exposta na 47ª edição do Salão Novíssimos, na Galeria de Arte IBEU do Jardim Botânico, a princípio chama a atenção pela sua verossimilhança. A obra é composta pela reprodução em tamanho quase real de 6 anúncios de jornal de garotas de programa emoldurados individualmente e dispostos na parede em dois grupos de 3, um abaixo do

outro, simetricamente no espaço. Até curadores experientes custavam a acreditar de que não se tratava de uma colagem de recortes dos anúncios no papel, mas de sua reprodução em aquarela, com letras de tamanho tão diminuto, que a artista precisou utilizar lupas para executar a obra. O público consultava a ficha técnica algumas vezes e voltava a olhar a obra até se convencer de que era uma simulação do real.



(Fig. 2: Detalhe *Corpos em exposição*)



(Fig. 3: Público durante a abertura da mostra *Novísimos*)

O primor técnico, no entanto, não tem um cunho gratuitamente preciosista. Como afirmou Cesar Kiraly, curador da galeria: “os níveis da prostituição são mostrados com glamour, por todos os lados, em plena função de fazer ver a sua crueldade não vista”². Kiraly pontua que a representação realista consegue burlar os modos do “anestesiamento moral”. A artista assume, dessa forma, uma preocupação ética de afetar o interator da obra, dando visibilidade e audibilidade ao que costuma ser ignorado pela sociedade.

Essa crueldade sublinhada por Kiraly não me remeteu a uma questão moral, mas ao conceito criado por Antonin Artaud de *Corpo sem órgãos* (CsO). Deleuze e Guatarri retomam essa noção artaudiana no terceiro volume de *Mil Platôs* (2007) e em *Anti-Édipo* (2011). O CsO é uma prática, uma experimentação que buscava gerar durante a experiência teatral um corpo de resistências e intensidades, livre de automatismos. O CsO é a libertação do corpo, não visto apenas como um organismo que serve para alguma coisa, que tem um caráter utilitarista e exerce uma função. A crueldade a qual se referia Artaud não se tratava dessa crueldade que podemos exercer uns sobre os outros, como a violência física sofrida pelas prostitutas por seus clientes, cafetinas/cafetões etc., mas de uma crueldade muito mais terrível e invisível que é a falta de liberdade de corpo e pensamento (LINS, 2000, p.12-13).

O CsO contraria a lógica do capitalismo tardio, que prioriza a produtividade e o consumo e controla o tempo dos indivíduos. O CsO, corpo intensivo ou vibrátil, é um corpo em acontecimento, em movimento, um corpo em devir, capaz de experimentar sensações, de dançar, de sentir alegria e êxtase. Esses corpos tomados pela função de organismo, automatizados para atender a uma demanda rotineira de trabalho, que tende a dessensibilizá-los, cria uma necessidade de potencializá-los e torna-los vivos e ativos. Como afirma a pesquisadora Eliane Moraes, que investigou a figura poética da prostituta no modernismo brasileiro, a personagem da meretriz não representa a si mesma, mas o desejo³. O CsO, corpo em eterna construção, está ligado a um desejo imanente, que não se refere a uma falta

² Depoimento encontrado no catálogo da exposição.

³ Entrevista concedida à Revista FAPESP Edição 241, março 2016 sobre o livro *Antologia da poesia erótica brasileira*. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/03/21/a-figura-poetica-da-prostituta/>

constitutiva *a la* Freud, mas a um desejo como superabundância, excesso, que Nietzsche denominava vontade de potência. Esta vontade está relacionada à energia vital, ao estar vivo (DELEUZE, 1998, p. 72). Mas para construir esse corpo pleno é necessário transmutar hierarquias sociais e relações de poder. É preciso ultrapassar o “programa”, transfigurar o lugar comum.

“Sandra Jacarepaguá”, “Bia Princesinha”, “Abafa Agatha”, “Linda Kelly”, “Anita”, “Aline Copacabana”. Mulheres e uma quase mulher apresentam-se nos anúncios com atributos estereotipados: linda, loira, seios fartos ou turbinados, sem frescuras, liberal, carinhosa, coxas grossas, fazendo loucuras, nunca anunciada, bronzeada, dominadora, melhor rebolado da Zona Sul, realizando fantasias. A prostituta é uma personagem recorrente na história da arte. “Representá-la” não através de imagens figurativas, mas por meio da sua promessa de realização de desejos escrita nos anúncios, torna *Corpos em exposição* intempestiva.

A artista retira um pouco da opacidade do tema, ao utilizar a transparência da aquarela, técnica que originariamente era utilizada para realizar esboços de obras. As aquarelas também eram muito utilizadas em cartografias. Nassur usa essa técnica como meio de traçar um diagrama impreciso das urgências contemporâneas que lhe afetam. Para os geógrafos, a cartografia é o desenho dos movimentos de transformação da paisagem, mostrando um processo (ROLNIK, 2016). A artista realiza cartografias do desejo (GUATARRI; ROLNIK, 2013). A leveza da técnica da aquarela, trabalhada em *trompe l’oeil*, propõe uma brincadeira entre ilusão e realidade, fazendo alusão às fantasias sexuais propostas nos anúncios e, ao mesmo tempo, às relações de poder que envolvem os universos masculino, feminino e suas nuances. Nas palavras de Renata Nassur: “o objetivo era pinçar estes anúncios do coletivo e resgatar a sua individualidade perdida em meio aos classificados dos jornais”.

A relação entre público e privado é problematizada pela artista. Do lado esquerdo da obra *Corpos em exposição* estavam 4 versos de cartões postais compondo a obra *Verso (2018)*, também de sua autoria. Enquanto os postais remetem a mensagens endereçadas a alguém no âmbito privado, os anúncios de *Corpos em exposição* tratam de mensagens públicas, que podem ser lidas por qualquer um. Os postais possuem um tamanho bem maior que os anúncios tanto individualmente quanto em conjunto. As mensagens dos postais curiosamente conversam com os anúncios com os seguintes dizeres: “*Trying not to be too pessimist but...Charlie.*”⁴, “uma lembrança da terça-feira de carnaval de 1949 no Internacional, quando eu me esquecia que a vida tem contrariedades. Chiquinho”, “Nossas saudades”, “Obrigado! Frawy”. Ao relacionar as duas obras, a artista contrasta a fantasia (o princípio do prazer) prometida nos anúncios e o princípio de realidade percebido nos postais, com sentimentos de saudade, pessimismo, decepção e frustração.

⁴ “Tentando não ser tão pessimista, masCharlie” (tradução nossa).



(Fig. 4: Renata Nassur. *Verso* (2018). Aquarela 63x74cm políptico)

O próprio vocábulo prostituição tem uma conotação que evoca um lugar público. O termo deriva do latim *prosto*, que significa estar as vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público e possui outras designações como mulher de vida fácil e garota de programa. A prostituta é a mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais sem amor e a sua imagem tem sido ligada à imoralidade e a um espaço de satisfação dos desejos sexuais masculinos (BATISTA, 2015).

Judith Butler utiliza o termo performatividade para designar o gênero como algo em constante transformação no campo da cultura. Como diz a famosa frase de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Beauvoir foi uma das primeiras a tratar das relações entre ética, política e corporeidade no que tange a condição feminina. Realçou em seus escritos a experiência paradoxal das mulheres num mundo tomado por paradigmas essencialmente patriarcais. Definitivamente, o que colocava a mulher numa posição secundária não provinha de uma ordem biológica, mas de uma construção cultural.

Podemos dizer que a obra de Renata Nassur é artivista. Entretanto, realiza uma política subcortical, microfísica, uma política nomeada por Giorgio Agamben de inoperosidade. Isto não significa inércia ou repouso, mas libertar as potencialidades para a ação através da desarticulação de dispositivos de poder, sem a intenção de destruí-los. A artista atua na micropolítica, nas invisibilidades e não na luta macropolítica, contra o opressor, defendendo as minorias e as identidades, que acabam muitas vezes por reforçar e delimitar as sexualidades e os gêneros. Suely Rolnik, em *Geopolítica da cafetinagem*

(2006), fala sobre o poder de transformação da arte, da sua capacidade de reconfiguração da paisagem, desde que os artistas não se deixem seduzir pelas promessas de felicidade do capitalismo cognitivo. Parafraseando Spinoza, Rolnik indaga “o que pode a arte?” E questiona: “por meio de que processos nossa vulnerabilidade ao outro se anestesia?” “Que mecanismos de nossa subjetividade nos levam a oferecer nossa força de criação, nosso desejo, nossos afetos, nosso erotismo, nosso tempo para a realização do mercado?” Certamente, não só as prostitutas “vendem” seu corpo-alma ao Mefistófeles capitalista.

No artigo sobre ativismo, *Outras cenas de enfrentamento, ontem e hoje* (THURLER; TRÓI; GARCIA, 2017), os autores apontam a existência deste inconsciente capitalístico colonial problematizado por Suely Rolnik. Para livrar-se do mal-estar da existência, o desejo é convocado a recobrar um equilíbrio apressadamente e o faz por meio da conexão com toda sorte de produtos que o mercado lhe oferece. Estes produtos são coisas, mas sobretudo, formas de existir. Este inconsciente colonial do capitalismo consiste na anestesia da potência que o corpo tem de decifrar o mundo (ROLNIK, 2016).

Em *Sexualidade, corpo e desejo* (2006), Ernani Chaves trata dos temas do corpo, do amor, do erotismo, das relações de gênero e do papel das prostitutas trabalhados na obra de Walter Benjamin. Benjamin defendia a necessidade de uma “cultura erótica” e a afirmação de uma “eticidade da prostituta”. Para o filósofo alemão, a prostituta, em contraste com a figura da mãe, abre caminho para a constituição de um saber sobre o Outro, em especial um saber sobre o próprio corpo. Em *Trabalho das passagens*, Benjamin define a prostituta como a guardiã daquilo que passou, que nos lembra um tempo anterior aos imperativos de qualquer ordem, introduzidos pelas figuras castradoras do pai e/ou da mãe (CHAVES, 2017, p. 56). Conforme Benjamin: “a prostituta é a guardiã do limiar”. Ela é uma figura profana e sagrada ao mesmo tempo. A divisão do filósofo-menino entre a mãe e a prostituta trazem à baila as forças que se tencionam, conflitantes, as forças apolíneas das formas e da perfeição e as forças dionisíacas, transfiguradas, tão bem expressadas na obra *O nascimento da tragédia* (1978), de Nietzsche.

Freud em *O mal-estar na cultura* (1997) tangencia os sacrifícios que o homem e, especialmente, a mulher devem fazer no que concerne as suas pulsões sexuais, desejos e prazeres a fim de fazerem parte da civilização. Conforme Birman, em *Gramáticas do erotismo*, a figura da mulher está polarizada entre a maternidade e o erotismo, como o agente civilizatório e anticivilizatório que é, como se estas instâncias fossem dualidades que não pudessem coexistir (PEREIRA, 2016, p. 128).

Apesar da sua inegável contribuição para as ciências humanas através da psicanálise, no que se refere a condição feminina e a sua sexualidade, Freud é considerado misógino por alguns devido à primazia que o elemento fálico assume em sua teoria (PEREIRA, 2016, p. 15). A partir dos encontros intelectuais que tem com a filósofa Lou Salomé, Freud revê seu posicionamento a respeito de sua teoria da sexualidade, quando passa a perceber o falo como uma representação simbólica com consequências para ambos os sexos (PEREIRA, 2016). Este diálogo entre os dois psicanalistas torna possível acordar que há diferenças entre os sexos, mas que estas não podem tornar um superior ao outro. Lou Salomé é considerada uma das personagens importantes para os deslocamentos do feminino do lugar que a cultura colocou durante a virada da modernidade. O sentimento oceânico freudiano prometido pelos anúncios de jornal das garotas de programa corresponde ao ideal de plenitude proposto por Lou Salomé (PEREIRA, 2016, p. 67).

Mais adiante, a invenção da pílula anticoncepcional proporcionou o descolamento da mulher do seu papel de mãe para vivenciar com liberdade a sua sexualidade. A prostituição é uma afronta aos três destinos que eram possíveis à mulher, segundo Freud, que eram a maternidade, a histeria e a frigidez. A personagem Diadorim de Guimarães Rosa, em *O grande sertão veredas*, segundo a psicanalista Maria Rita Khel, é a mais forte da literatura brasileira. Vestia-se de homem para poder

guerrear no sertão. Apesar disso, ao contrário do homem que se veste de mulher, isso não a torna menos mulher.⁵

Baruch de Spinoza, filósofo do século XVII, em sua *Ética* não se surpreende em ter um corpo, mas com que o corpo pode. “Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos ou funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação” (DELEUZE, 2002, p. 49). Spinoza não faz do corpo um modelo e da alma uma simples dependência do corpo, recusando toda a superioridade da alma sobre o corpo. O filósofo foi acusado de imoralista porque sua ética não aceitava nenhum valor transcendente. Dessa maneira, não existe o Bem em si, nem o Mal em si. É na medida que percebemos que uma coisa nos afeta de alegria ou de tristeza que nós a chamamos de boa ou má (SPINOZA, 2016, p. 277).

Alain Badiou, em *Ética. Um ensaio sobre a consciência do mal* (1995), também se refere à impossibilidade de se pensar em um Mal absoluto ou em um Bem universal, pois a ética está “além do bem e do mal”. Badiou localiza o bem e o mal na própria estrutura da subjetividade. É essa tensão demasiado humana entre as nuances do bem e do mal que funda o campo ético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que uma experiência pessoal, *Corpos em exposição* é um bloco de sensações, composto de perceptos e afectos que contêm uma multiplicidade. A obra não tem a intenção nem a pretensão de dar conta de uma totalidade, de *todas as mulheres do mundo*, mas de uma coletividade. E faz isso buscando forçar o pensamento.

Corpos em exposição atua no campo da ética, pois apesar de parecer se localizar na esfera do impossível, mexe no nosso circuito de afetos, criando possibilidades de transformação através de um ínfimo movimento, uma dobra, uma pequena luz vaga-lume.

⁵ Maria Rita Kehl na palestra referente ao seu livro *Deslocamentos do feminino. A mulher freudiana na passagem da modernidade*. Disponível em: <https://youtu.be/o1yDVuY77Bc>. Realizada no Instituto Vox no dia 20 de Agosto de 2014.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. *Ética. Um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- BATISTA, Eraldo Carlos. A prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. In: *Rev. Saberes*, vol. 3, n. 2, jul./dez., p. 63-75, 2015.
- CHAVES, Ernani. Sexualidade, corpo e desejo. In: *Dossiê Walter Benjamin*. Revista Cult n. 106. Setembro 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza uma filosofia prática*. São Paulo: Ed. Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Ed. 34, 2007.
- _____. *O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.
- LINS, Daniel. *Antonin Artaud o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.
- NASCIMENTO, Priscilla Porto. *A relação ética da arte na sociedade do espetáculo*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Benício Biz Editores Associados, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Lisboa: Guimarães editores, 1978.
- PEREIRA, Lara M. B. *O diálogo Freud-Lou Andreas-Salomé sobre a feminilidade e o erotismo*. Tese defendida na UNICAMP, 2016.
- QUEIROZ, Christina. A figura poética da prostituta. Entrevista Eliane Robert Moraes. In: *Revista FAPESP*, Edição 241, março 2016. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/03/21/a-figura-poetica-da-prostituta/>. Acesso em julho 2018.
- ROLNIK, Suely. A hora da micropolítica. Entrevista revista Re-visiones, Madrid, 2015. In: <http://www.re-visiones.net/spip.php%3farticle128.html>. Junho 2016.
- _____. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora da UFRGS, 2016.
- _____. *Geopolítica da cafetinagem*. São Paulo, maio de 2006.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Belo Horizonte: Autência Editora, 2016.
- THURLER, Djalma; TRÓI, Marcelo de; GARCIA, Paulo César. Outras cenas de enfrentamento ontem e hoje. In: *Dossiê artivismo das dissidências sexuais e de gênero*. Revista Cult n. 226. Agosto 2017.